

Pensamento e Vontade

© 2021 – Conhecimento Editorial Ltda

**Pensamento e Vontade**  
*(Pensée et Volonté)*  
Ernesto Bozzano

Todos os direitos desta edição reservados à  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA.  
Fone/Fax: 19 3451-5440  
[www.edconhecimento.com.br](http://www.edconhecimento.com.br)  
[vendas@edconhecimento.com.br](mailto:vendas@edconhecimento.com.br)

Nos termos da lei que resguarda os direitos autorais, é proibida a reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio – eletrônico ou mecânico, inclusive por processos xerográficos, de fotocópia e de gravação –, sem permissão, por escrito, do Editor.

**Tradução:** Mariléa de Castro

**Revisão:**

**Projeto gráfico:** Sérgio Carvalho

**Ilustração da capa:**

ISBN 978-65-5727-099-8

1ª edição – 2021

• Impresso no Brasil • *Presita en Brazilo*

Produzido no Departamento Gráfico de  
CONHECIMENTO EDITORIAL LTDA  
Rua Prof. Paulo Chaves, 276 – 13485-150  
Fone: 19 3451-5440 — Limeira – SP

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Angélica Ilacqua CRB-8 / 7057)

---

Bozzano, Ernesto

Pensamento e Vontade / Ernesto Bozzano ; tradução de Mariléa de Castro – Limeira, SP: Editora do Conhecimento, 2021.

92 p.

ISBN: 987-65-5727-099-8

1. Parapsicologia 2. Pensamento 3. Vontade 4. Força Mental I. Título II. Castro, Mariléa de

21-2271

CDD – .133

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Parapsicologia

Ernesto Bozzano

# Pensamento e Vontade

**Tradução:** Mariléa de Castro

1ª Edição - 2021





## Sumário

Capítulo 1	
As forças ideoplásticas.....	7
Capítulo 2	
Formas de pensamento.....	16
Capítulo 3	
Fotografia do pensamento .....	26
Capítulo 4	
Ideoplastia.....	63
Conclusões .....	76



## Capítulo 1

# As forças ideoplásticas

Nada pode ser mais importante para a pesquisa científica e a especulação filosófica que a demonstração, apoiada em fatos, desta proposição: que o que é abstrato pode se tornar concreto, que um fenômeno psicológico pode se transformar em um fenômeno fisiológico, que o pensamento pode ser fotografado, tornar-se concreto em uma materialização plástica, ou criar um organismo vivo. Em outras palavras: nada pode ser tão importante para a ciência e a filosofia como provar que a força e a vontade são “forças ideoplásticas e organizadoras”. De fato, a revelação desse fato coloca o pesquisador diante de um verdadeiro ato “criador” próprio, que tem por consequência identificar a individualidade humana pensante com o Poder Primordial do qual o Universo é uma criação. Deixarei para desenvolver, quando chegar o momento, essa concepção grandiosa do Ser.

A propósito da questão que estamos considerando aqui, observo inicialmente que a ideia da existência de um pensamento e uma vontade substanciais e objetiváveis não é nova. Os filósofos alquimistas dos séculos XVI e XVII – Vanini, Agrippa, Van Helmont – já atribuíam ao “magnetismo projetado pela vontade” os resultados que obtinham com seus

amuletos e encantamentos. Van Helmont escreveu: “O desejo se realiza com a ideia, que não é uma ideia vã, mas uma ideia-força, uma ideia que realiza o encantamento”. Eis aí formulada, com três séculos de avanço, a famosa teoria de Fouillée sobre as “ideias-força”; e de uma forma até mais completa, porque admite a objetivação da ideia. Van Helmont formulou mesmo, claramente, a teoria das “formas-pensamentos”, da “ideoplastia”, da “força organizadora”, atribuindo ainda uma existência passageira, mas ativa, às criações do pensamento. Escreveu ele:

O que denomino de “espíritos do magnetismo” não são precisamente os espíritos que nos vêm do céu, e muito menos os espíritos infernais. Eles provêm de um princípio que reside no próprio homem como o fogo se desprende da pedra. Graças à vontade, se desprende do organismo humano uma débil porção de “espírito” que toma uma forma determinada, transformando-se num “ente ideal”. A partir desse momento, esse “espírito vital” torna-se algo de natureza intermediária entre o ser corporal e os seres incorpóreos: e assim, pode transferir-se para onde a vontade o dirige, não se encontrando mais submetido às limitações de espaço e tempo. Isso não é absolutamente um efeito do poder demoníaco: é uma faculdade espiritual do homem, ligada ao homem.

Hesitei até agora para revelar ao mundo esse grande mistério, graças ao qual o homem descobre que existe nele, ao alcance de sua mão, uma energia que obedece à sua vontade, ligada a seu poder imaginativo, e que pode agir exteriormente, exercendo sua influência sobre as coisas e as pessoas a distância – mesmo a grande distância.

É bom insistir nesse ponto: que as afirmações de Van Helmont sobre as propriedades objetiváveis do pensamento e da vontade não eram puramente intuitivas: eram baseadas na observação de fenômenos incontestáveis, os quais eram assistidos com frequência pelos primeiros pesquisadores do oculto, embora a época ainda não estivesse madura para interpretar devidamente o que eles constatavam empiricamente. Também é verdade que encontramos já claramente formuladas, pelos alquimistas de três séculos atrás, as pro-



priedades dinâmicas do pensamento e da vontade; propriedades que mal começamos, hoje, a estudar com métodos rigorosamente científicos.

E agora, preciso prevenir os leitores que os materiais recolhidos por mim sobre esse assunto são tão abundantes, que seria preciso escrever um alentado volume para desenvolvê-los de forma completa; devo portanto limitar-me a apresentar um resumo substancial de cada uma das categorias que compõem o tema que me propus.

A primeira das categorias em questão é familiar a todos: vou limitar-me, pois, a mencioná-la brevemente. Trata-se das provas, de natureza simplesmente indutiva, que as experiências de sugestão hipnótica podem oferecer em favor da hipótese de um pensamento objetivável.

Apenas, para esclarecer bem o assunto, penso que é necessário introduzir algumas noções gerais sobre o significado que se deve atribuir ao termo “imagens” do ponto de vista psicológico.

Denomina-se “ideia” ou “imagem” a lembrança de uma ou mais sensações simples ou associadas. Cada pensamento é apenas um fenômeno de memória; e que se resume no redespertar, ou na reprodução, de uma sensação percebida anteriormente. Existem tantos agregados de imagens quanto os sentidos que possuímos; existem portanto imagens visuais, auditivas, táteis, olfativas, gustativas e motrizes. São imagens que, junto com as sensações, constituem a matéria primordial de todas as operações intelectuais. A memória, o raciocínio, a imaginação são fenômenos psíquicos que, em última análise, consistem em agrupar e coordenar imagens, e extrair delas as relações que possuem, afim de as aperfeiçoar e agrupá-las em novas relações mais ou menos originais ou complexas, de acordo com o alcance intelectual maior ou menor dos indivíduos. Taine disse: “Assim como o corpo é uma colônia de células, o espírito é uma colônia de imagens”.

Acreditava-se outrora que as ideias não possuíam uma correlação fisiológica, ou seja, que não era necessário um substrato físico para que se manifestassem no meio físico. Hoje, ao contrário, está provado que as ideias ocupem no

cérebro as mesmas localizações que as sensações; em outras palavras, está provado que o pensamento é apenas uma sensação que renasce de forma espontânea, e que em consequência, o pensamento é de natureza mais simples e mais fraca que a impressão primitiva, embora seja capaz de assumir, em condições especiais, uma intensidade suficiente para provocar a ilusão objetiva do objeto no qual se pensa. Mas o pensamento não é apenas um redespertar de sensações anteriores: a faculdade da imaginação domina no homem; é graças a ela que as imagens se relacionam entre si para criar outras. Isso prova a existência, na inteligência, de uma iniciativa individual verdadeira e própria, assim como uma liberdade relativa diante dos resultados da experiência. Isso é devido a outras duas faculdades superiores da inteligência: a faculdade de “abstração” e a de “comparação”. Segue-se que a imaginação, a abstração e a comparação dominam as manifestações do espírito; todas as invenções, todas as descobertas, todas as inspirações e criações do gênio decorrem delas.

Dito isso, aponto que um primeiro indício da natureza essencialmente objetivável das imagens é oferecido pela maneira como elas se comportam nas manifestações do pensamento. Baseamo-nos, bem entendido, nos atuais conhecimentos que se possui sobre o assunto e que nos levam a modificar o ponto de vista pelo qual se encarava os modos de funcionamento da inteligência até agora. Sem os últimos conhecimentos oferecidos sobre o tema pelas pesquisas metapsíquicas, não se poderia com certeza atribuir aos diversos modos de funcionamento com os quais se criam as imagens, na vigília como no sono, o significado que temos condições de conferir-lhes.

### Imagens consecutivas

Quando uma sensação se repete com frequência, ela adquire uma vivacidade excepcional, de forma que persiste às vezes por muito tempo mesmo quando a causa que a produziu não existe mais. Pode mesmo reaparecer com toda a vivacidade de uma sensação propriamente dita. Newton conseguiu, por um esforço de vontade, reproduzir “a imagem

consecutiva” do disco solar, várias semanas após haver interrompido suas observações astronômicas. M. Binet cita o caso do professor Pouchet, microbiologista, que, passeando pelas ruas de Paris, viu de repente surgir diante de si as imagens de suas preparações microscópicas, imagens que se justapunham aos objetos exteriores. Essas visões surgiam nele espontaneamente, sem qualquer associação de ideias.

As alucinações dessa natureza apresentam uma nitidez característica, e a intensidade das “imagens consecutivas” é tal que se poderia projetá-las numa tela, ou numa folha de papel, para traçar em seguida seus contornos com um lápis. O dr. Binet observa que essa revivescência da imagem, muito tempo depois que a sensação que a provocou cessa de agir, exclui totalmente a ideia de que a imagem consecutiva tenha sido guardada na retina. Deve-se pois concluir daí que ela foi guardada no cérebro; por conseguinte, que a revivescência não implica em absoluto na atuação dos “pequenos cones” e dos “bastonetes” da retina.

Essas são as modalidades nas quais se apresentam as “imagens consecutivas”. Repito que se quisermos encará-las separadamente, não oferecem uma base indutiva adequada para concluir da existência de alguma coisa objetiva nelas. Entretanto, como as novas pesquisas – de que tratarei amplamente – levam a admitir que as imagens em geral consistem em projeções exteriorizadas do pensamento, não há motivo para que não se conclua da mesma forma a respeito das “imagens consecutivas”. O fato de que sua vivacidade é tal que se pode chegar a fixá-las numa folha de papel, traçando-lhes o contorno com um lápis, já é bastante significativo no sentido que acabo de indicar.

### Alucinações espontâneas e voluntárias

Nos acontecimentos da vida diária, todas as lembranças são constituídas por imagens atenuadas, mais ou menos vagas; sua pouca vivacidade não permite que se distinga sua natureza. Porém essa regra apresenta numerosas exceções, e todos os homens de gênio, cuja força de imaginação criou obras-primas, eram dotados de uma visão mental intensa, que lhes permitia

visualizar interiormente os personagens e os cenários engendrados pelo trabalho febril de seu mental na criação.

Sabe-se que os grandes romancistas – entre os quais Dickens e Balzac – ficavam às vezes como obcecados pela visão dos personagens que haviam criado; e isso, até ao ponto de vê-los agir diante deles, com a independência de pessoas reais.

O mesmo se pode dizer dos pintores, cujo poder de visualização pode chegar ao ponto de substituir o modelo vivo. Brierre de Boismont, em sua obra *As Alucinações* (pp. 26 e 451), relata o seguinte fato:

Um pintor que havia herdado grande parte da clientela do célebre retratista Joshua Reynolds, e que se considerava superior a ele, recebia tantas encomendas que me declarou ter pintado no decorrer de um único ano trezentos retratos, grandes e pequenos. Uma produção assim pareceria normalmente impossível; mas o segredo de sua rapidez de produção, e do sucesso extraordinário de sua arte, consistia na seguinte circunstância: ele só exigia uma única sessão de pose para cada modelo. Wigan relata: Eu mesmo o vi executar diante de meus olhos, em menos de oito horas, o retrato em miniatura de um senhor meu conhecido, e de uma semelhança perfeita. Perguntei-lhe sobre o seu método; ele respondeu: “Quando se me apresenta um novo modelo, eu o observo com muita atenção durante uma meia hora, registrando, de quando em quando, um detalhe de seus traços sobre a tela. Uma meia hora me basta e não necessito de outras sessões de pose; coloco a tela de lado e passo a outro modelo. Quando quero continuar a pintar o primeiro retrato, penso na pessoa que vi; na imaginação, eu a sento no banquinho, onde a vejo claramente, como se estivesse ali de verdade; percebo sua forma e cor de maneira mais clara e vívida que se estivesse ali pessoalmente. Então contemplo, de quando em quando, a figura imaginária, coloco-a facilmente na tela, e quando necessário, suspendo o trabalho para observar cuidadosamente o modelo na pose que adotou. E a cada vez que volto o olhar para o banquinho, vejo invariavelmente a pessoa”.

Entretanto, essa faculdade excepcional de objetivação das imagens acabou por ser fatal ao artista que, um belo dia, não conseguiu mais distinguir suas alucinações voluntárias representando certas pessoas das criaturas reais, e perdeu a razão.

Igualmente, nos casos dessa espécie, e sempre graças à nova luz projetada pelas pesquisas metapsíquicas sobre a gênese das alucinações em geral, tudo concorre para demonstrar que nas formas alucinatórias a que são sujeitos mais ou menos voluntariamente os romancistas e os artistas, existe qualquer coisa de objetivo e substancial. Essa sugestão emerge ainda mais claramente da análise das alucinações por sugestão hipnótica, como passo a demonstrar.

#### Sugestão hipnótica e pós-hipnótica

A imagem mental sugerida a um paciente em estado hipnótico se reveste de uma objetivação substancial tão acentuada, que oculta os objetos reais, ou então permite que se registre numa folha de papel com tal força que, se não se retira a sugestão, o *sujet*, no estado de vigília, continuará a percebê-la. Se colocarmos a folha no meio de um pacote de outras absolutamente idênticas, pedindo em seguida ao *sujet* que indique aquele onde enxerga a imagem que questão, ele o fará sem hesitar e sem se enganar. O senhor Binet propôs, para explicar essa última circunstância, a hipótese do “ponto de marcação”. Supõe que a folha de papel na qual a imagem foi criada apresenta alguma particularidade, como por exemplo, uma granulação insignificante que o *sujet* observou subconscientemente, e que lhe serve como “ponto de marcação” para reconhecê-la e projetar nela a imagem alucinatória que lhe foi sugerida. Essa hipótese parece plausível até certo ponto, e quando ainda não se possuía os novos e importantes dados oriundos das experiências metapsíquicas, constituía a única hipótese graças à qual se poderia explicar os fatos, embora deixasse muito a desejar. Creio entretanto que essa hipótese deve ser quase totalmente abandonada, para reconhecer que as diferentes modalidades pelas quais se manifestam as imagens alucinatórias no curso das experiências hipnóticas tendem a demonstrar sua natureza objetiva. Vou

enumerar brevemente as modalidades mais significativas desse tipo.

Quando, sem o *sujet* saber, se vira a folha na qual ele percebe a imagem alucinatória, de forma a apresentar-lhe em cima a parte de baixo, ele a vê invariavelmente virada. Se o convidamos a vê-la através de um prisma, ele a vê duplicada, como acontece com as imagens reais. O sr. Binet observa:

Quando, durante o sono hipnótico, eu sugiro à enferma que sobre a mesa de cor escura colocada diante dela existe um retrato de perfil, ao acordar ela vê o retrato. E se então, sem a avisar, coloco um prisma diante de seus olhos, de imediato a enferma se admira de perceber dois perfis, e invariavelmente a imagem fictícia se localiza conforme as leis da física... Se a base do prisma estiver no alto, as duas imagens se localizam uma sobre a outra; se a base for lateral, as imagens são visualizadas lateralmente. Com binóculos, a imagem alucinatória se aproxima ou se afasta, conforme se coloque diante dos olhos da enferma a lente ocular ou a objetiva; e isso, mesmo se tivermos a precaução de dissimular a extremidade do binóculo que lhe apresentamos, evitando que os objetos reais entrem no campo visual. Se lhe apresentamos um espelho, a enferma vê nele refletida a imagem alucinatória. Assim, por exemplo, eu lhe sugiro a presença de um objeto qualquer no canto da mesa; em seguida, coloco um espelho atrás desse canto; e a enferma imediatamente vê dois objetos análogos, e o objeto refletido pelo espelho lhe parece tão real quanto o objeto alucinatório, do qual é apenas o reflexo.

Pode-se acrescentar que o dr. Périnaud, médico-chefe da clínica oftalmológica das enfermidades nervosas do hospital da Salpêtrière, demonstrou que: “A alucinação de uma cor pode desencadear fenômenos de contraste cromático de maneira idêntica, e até mais intensa, que a que acontece na percepção real de mesma cor”.

Devemos por fim assinalar uma prova fisiológica em apoio à realidade substancial das imagens alucinatórias. Diz respeito às modificações que sofre a pupila dos alucinados. O dr Féré observa:

Eis o que observamos em duas histéricas com as quais se pode entrar em comunicação pela palavra durante a catalepsia. Quando se ordena a elas que observem um pássaro que se colocou no topo de um campanário, ou um pássaro voando, suas pupilas se dilatam progressivamente até dobrar seu diâmetro primitivo. Mas se fazemos o pássaro descer, suas pupilas se contraem gradualmente. Essa experiência pode se reproduzir à vontade, e o fenômeno se repete infalivelmente a cada vez que se faz as pacientes observarem um objeto em movimento. Ora, essas modificações da pupila, provocadas nos sujeitos catalépticos, que não cessam de apresentar todos os fenômenos próprios da catalepsia, demonstram que, na alucinação, o objeto imaginário é visualizado exatamente como se fosse real; é o que faz que provoque, com seus movimentos, os esforços de acomodação da pupila, de acordo com as mesmas leis que regem a pupila quando se trata de um objeto real.

Essas modalidades diversas e complexas pelas quais se manifestam as alucinações por sugestão hipnótica extrapolam totalmente a órbita da explicação dos “pontos de marcação”. Não obstante, era lógico e inevitável que os psicólogos e fisiologistas, pouco atualizados com as pesquisas metapsíquicas, as encarassem como sendo de natureza puramente subjetiva, embora essa explicação fosse inconciliável com os fatos. Atualmente, é hora de reconhecer que, graças às modalidades características pelos quais se dão as alucinações de que tratamos, elas devem ser consideradas em relação com as *formas de pensamento* visualizadas pelos sensitivos, assim como com as *formas de pensamento* que ficam gravadas sobre as chapas fotográficas; e enfim, com as *formas de pensamento* que se condensam e se materializam durante as sessões mediúnicas. Tudo contribui, pois, para demonstrar que as alucinações hipnóticas pertencem à classe das projeções objetivadas pelo pensamento.

## Capítulo 2

# Formas de pensamento

Os magnetizadores da primeira metade do último século já haviam percebido que seus sonâmbulos não apenas viam os pensamentos das pessoas com as quais se achavam em contato, mas os viam sob a forma de imagens, geralmente localizadas em seu cérebro, mas às vezes também fora dela, e mais ou menos mergulhadas na “aura” da pessoa que, naquele momento, mantinha o pensamento correspondente à imagem.

E ainda hoje, a sonâmbula clarividente Marie Raynes, que se tornou célebre pelas pesquisas do dr. Pagenstecher sobre suas faculdades psicométricas, deu a seguinte resposta a uma pergunta que lhe foi feita por seu hipnotizador:

Quando me mandam ver, eu enxergo o interior de meu estômago, no qual distingo claramente a úlcera que tenho, sob a forma de uma mancha vermelha sangrenta. Vejo a forma de meu coração e posso ver o interior do cérebro do doutor, quando ele manda. Neste caso, vejo as imagens dos pensamentos que existem nesse momento em seu cérebro. Assim, por exemplo, vi várias vezes em seu cérebro a imagem brilhante de sua mãe, assim como as de outras pessoas nas quais ele pensava sem dizer-me;



ele sempre declarou que as imagens que eu tinha visto eram exatamente das pessoas nas quais ele pensava (*American Proceedings of the S. P. R.* vol. XVI, p. 113).

Os teosofistas, que têm muito a dizer sobre o tema das *formas de pensamento*, afirmam, de acordo com as declarações de seus videntes – como a sra. Annie Besant e o sr. C.W. Leadbeater – que as formas de pensamento “não se limitam às imagens de pessoas e de coisas, mas se estendem às concepções abstratas, às aspirações do sentimento, aos desejos passionais, que tomam formas características e estranhamente simbólicas”.

Sobre esse assunto é bom observar que as descrições dos teosofistas sobre o simbolismo do pensamento concordam de maneira surpreendente com as descrições que, de seu lado, fazem os sensitivos clarividentes.

Resumirei aqui uma passagem do livro *Formas de Pensamento*, de Annie Besant e C. W. Leadbeater, comparando-a em seguida com outra passagem retirada das declarações de um sensitivo clarividente. Eis o que dizem os autores de *Formas de Pensamento*:

Todo pensamento cria uma série de vibrações na substância do corpo mental, vibrações que correspondem à natureza do pensamento, que se combinam num jogo maravilhoso de cores, como acontece com as góticas que caem de uma cascata quando são atravessadas por um raio de sol; com a diferença de que a gama de cores é infinitamente mais viva e delicada. O corpo mental, graças ao impulso do pensamento, projeta pra o exterior uma fração de si mesmo, que toma uma forma relativa à sua intensidade vibratória, da mesma forma que o pó de *licopódium* colocado sobre um disco vibrando em unísono com notas musicais, se dispõe em figuras geométricas, sempre as mesmas em reação às notas que são tocadas. Esse estado vibratório da fração exteriorizada do corpo mental tem por efeito atrair para si, do meio etéreo, substância sutil análoga à sua. É assim que se produz uma forma de pensamento, que é de algum modo uma entidade animada por uma atividade intensa que gira em torno do pensamento gerador... Se esse pensamento

diz respeito a uma aspiração pessoal do indivíduo que o formulou – como acontece com a maioria dos pensamentos – ele volita em torno de seu criador, sempre pronto a reagir sobre ele, para o bem ou para o mal, cada vez que ele se encontra em condições de passividade.

As formas que assume o pensamento são estranhamente simbólicas; algumas representam graficamente os sentimentos de que se originam. A avareza, a ambição, a avidez produzem formas de pensamento recurvadas, como querendo pegar o objeto desejado. O pensamento que considera um problema a resolver produz uma emissão de filamentos em espiral; os sentimentos voltados para outra pessoa, sejam de rancor ou afeição, produzem formas de pensamento análogas aos projeteis. A cólera se parece com o ziguezague avermelhado do raio; o medo provoca jatos de uma substância cinzenta, semelhantes a salpicos de lama.

Eis agora como se expressa sobre o mesmo assunto um sensitivo clarividente. O sr. E. A. Quiton relata o que percebe o *sujet* com sua visualização do pensamento dos outros:

As formas-pensamentos que percebo podem se subdividir em três grupos: aquelas em que o pensamento toma a forma de uma pessoa; aquelas em que toma a forma de um objeto qualquer; e aquelas nas quais gera formas especiais... As formas de pensamento que pertencem aos dois primeiros grupos se explicam por si mesmas, mas as do terceiro grupo pedem um esclarecimento... Um pensamento sereno de paz, gerado por uma pessoa profundamente imersa nele, é extremamente belo e expressivo. Um pensamento de cólera projetado por uma pessoa presa de um impulso passional é extremamente repugnante e horrível. A avidez e todos os desejos análogos tomam uma forma recurvada, semelhante a uma garra de falcão, como se aquele que pensa quisesse agarrar alguma coisa para sua satisfação (Light, 1911, p. 401).

Como se depreende dessas declarações, teosofistas e clarividentes concordam em afirmar que impulsos pessoais de avidez e os desejos semelhantes dão lugar a formas de pensamento recurvadas, o que constitui uma concordância notável. Naturalmente, no que diz respeito à realidade da existência

de formas abstratas de pensamento, não temos até o momento outra prova válida senão a concordância das observações dos diversos clarividentes. Contudo, faço questão de notar que para as declarações dos sensitivos em relação às formas concretas de pensamento (ou seja, a forma de pensamento que representa pessoas ou coisas), dispomos de uma prova absoluta de sua realidade, já que a chapa fotográfica as registra. Portanto, somos levados logicamente a levar em conta também as declarações dos videntes em relação às formas de pensamento abstratas. Já foi demonstrado que, quando alguém pensa em uma pessoa ou coisa, estas se condensam numa imagem correspondente. Tudo leva a supor, pois, que as ideias abstratas devem também se condensar em alguma coisa correspondente.

Resta falar de um outro aspecto característico que apresentariam as formas de pensamento. É que, em circunstâncias especiais, elas seriam capazes de persistir mais ou menos longamente no ambiente em que foram criadas, mesmo quando a pessoa que as gerou não esteja mais ali, ou que tenha morrido; isso, em termos metapsíquicos, chama-se “persistência das imagens”.

Vou relatar alguns exemplos desse gênero.

Neste primeiro caso, as imagens pensadas persistem durante algumas horas somente no local onde foram geradas.

Extraio esse fato da preciosa obra de Vincent Turvey, *The Beginning of Seership*, na qual ele analisa suas próprias faculdades de sensitivo clarividente e de médium. Aponto inicialmente que Vincent Turvey, falecido ainda jovem de tuberculose, era um cavalheiro rico e instruído que, prevendo seu fim próximo, continuou até o fim a exercer gratuitamente suas faculdades mediúnicas no interesse da causa espiritualista. Cada vez que fenômenos ou incidentes importantes ocorriam, pedia aos experimentadores que lhe enviassem curtos registros dos fatos; utilizou-os em seu livro para documentar os fatos que relatou, o que confere valor científico à obra em questão. Ela contém diversos episódios de visualização de formas de pensamento, entre os quais se encontra o seguinte:

No dia 26 de fevereiro de 1908, bateu à minha porta um senhor que distribuía brochuras e revistas em nome da “Sociedade de propaganda cristã”. Ele me entregou um número da revista, como amostra. Notei ali de imediato um artigo sobre o espiritismo, no qual não se contestava a realidade dos fatos, mas lhes atribuíam uma origem diabólica. Fiz entrar então o distribuidor de livros e encetei com ele uma animada discussão contraditória; como é comum, cada um de nós saiu dela com a impressão de ter vencido os argumentos de seu opositor. Entretanto, antes de partir, o visitante fez uma oração na qual suplicava a Deus que me abrisse os olhos para a “verdadeira luz”; com isso queria dizer que Deus me retirasse o dom diabólico da clarividência (que aliás, nos séculos passados, era o sinal revelador dos servidores de Deus e dos profetas), e que Ele iluminasse o meu espírito, quer dizer, que o transformasse de maneira a se parecer com as opiniões daquele que rezava. Depois disso, ele me assegurou que dali em diante podíamos ter certeza de que os diabos tinham sido expulsos de minha casa, e se foi.

Pouco depois, estendi-me no sofá, afim de repousar, e ao mesmo tempo meditar. Foi quando, de repente, vi aparecerem três “diabinhos” absolutamente iguais aos diabos ortodoxos: de aspecto humano, com as patas bifurcadas de bode, pequenos chifres atrás das orelhas, cabelos encarapinhados, mãos com garras, de uma cor geral escura. Confesso francamente que de início estremei; creio que qualquer outro vidente, em meu lugar, teria feito o mesmo. Sentei-me, para ter certeza de que não estava sonhando; mas os diabinhos continuavam lá. Estaria sendo vítima de uma alucinação? Nada diferente de quando eu via os espíritos durante as sessões mediúnicas – espíritos infalivelmente identificados por algum dos assistentes. Então me concentrei, para alcançar o estado que chamo de “condição superior”, no qual as faculdades clarividentes são muito mais intensas que quando as exerço em público.

Atingi sem demora esse estado, e dei-me conta então que os diabinhos não passavam de formas vagas, como máscaras de papelão. Os espíritos guias me fizeram depois dizer uma frase, cujo sentido esqueci, e que teve o efeito de desintegrar e dissolver instantaneamente os diabi-